

**“A CIDADE DE SÃO PAULO PRA MIM ELA É...” NAS FACETAS DE UMA
MIGRAÇÃO, FLASHS DO COTIDIANO NAS MEMÓRIAS DOS
QUIXADAENSES. (1980-2000)**

Vilarin Barbosa Barros

Mestrando em História pela UECE

E-mail: vilarinbarros@yahoo.com.br

Estamos pensando um passado marcado por “agoras”, e com os pés no presente focamos atenciosamente o cotidiano dos migrantes quixadaenses, no fim do século XX, precisamente nos anos que correspondem de 1980-2000, isso, em São Paulo. Ficamos a escutar e entender vozes e, mais, a conduzi-las para outros lugares, com intentos múltiplos, inclusive o de “acessar” passados possíveis através de fragmentos enovelados de distintos momentos.

Rastreamos através de nosso objeto, possíveis significados de mundos que se desvelam e se revelam em meio a justaposições, contrastes e comparações de falas, cartas e fotografias. Quando estamos perante nossa fonte principal que são os depoimentos orais, utilizamos a história oral enquanto metodologia. Porém, como através desses indícios históricos poderemos rastrear nosso objeto, resgatar sentimentos, sensações, sentidos de um momento? Que cidades podem aflorar através das memórias de nossos colaboradores?

“A cidade de São Paulo pra mim ela é...”,¹ na verdade, ela nos chega por recordações, em grande medida, através da memória dos colaboradores, memória que, como sabemos, “é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”.² Fragmento que nos parece conduzir, talvez mesmo, nos faz transitar entre tempos e lugares diferentes, numa rotina de ir e voltar, rotina que de certa forma se assemelha as histórias de vida que ouvimos desses migrantes nascidos em Quixadá.

Temos como perspectiva a História Sócio-cultural que nos permite pensar nosso objeto fronteiriço; seja quando esse nos revela práticas cotidianas ou, nos aponta valores, mundos simbólicos, mundos sentidos, que nessas práticas estão embutidos.

Nosso estudo marcado pela narratividade pensa os “sujeitos ordinários”³ reconfigurando o cotidiano de forma “tática” em um lugar que, a priori, não lhe pertence. “A gente chegou lá meio assombrado, mas, depois vai pegando o clima (...)”.⁴ Inclusive, segundo Certeau: “a tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha”.⁵

Atentemos nesse contexto para a fala do Sr. Cláudio Laurentino e para a forma com que esse necessitou “jogar” num terreno aparentemente alheio:

Pra evitar um pouco da condenação deles, da discriminação deles, aí o que você diz? Não eu tô aqui (em São Paulo), eu vou tentar usar, eu vou jogar, certo? Pra num dificultar umas coisas ou outra. Mesmo por telefone, quando as pessoas, que eu tava no meu trabalho, aí eu já tentava anunciar. Porque quando eu falava uma coisa diferente, ‘pô, tu é cearense, tu é nordestino, tu é nortista’, já existia aquela brincadeira, ou uma discriminaçãozinha que... lógico a gente relevando mas... né?”⁶

“Eu vou tentar usar, eu vou jogar, certo?” De fato, fala que nos parece esclarecedora e que pode revelar, além de astúcias de nossos colaboradores num cotidiano em São Paulo, realidades re-construídas de forma tensa, com potencialidades de confrontos, “onde se multiplicam formas peculiares de resistência / luta, integração / diferenciação, permanência / transformação”.⁷

Longe de propagarem vozes de vitimados, o Sr. Américo Soares, por exemplo, também “jogando” no cotidiano, intervêm e nos fala sobre o “inserir-se” na cidade de São Paulo, os caminhos que trilhou, dá sua opinião: “isso aí a gente tira de letra porque a gente faz logo as amizades com eles e a gente conquista eles numa conversa muito fácil”.⁸

Nossa pesquisa tem apontado, também, elementos que contribuíram para o estabelecimento dessa migração, uma fortificação dos laços de parentescos e relações de vizinhança, talvez, mas o que objetivamos neste momento é pensar como isso foi vivenciado e sentido pelos quixadaenses em São Paulo? De que forma se pensou, se investiu se inventou o cotidiano?

“Vou pra São Paulo, por quê? Porque tem meu irmão lá, tinha aquilo idealizado, mas, não tinha concretizado...”.⁹ Falas que parecem nos fazer enxergar fragmentos do

passado, aflorados em sensibilidades de indivíduos marcados por suas experiências de vida em uma grande cidade.

“As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos”.¹⁰ Aspectos de sensibilidades aparecem de forma marcante: “foi muito mocionante (sic) quando eu cheguei lá (São Paulo) que foi... não foi nada do que eu pensei, me achei té (sic) praticamente perdida”.¹¹

Essa maneira de recordar foi corriqueira nas narrativas dos quixadaenses ao falarem de suas primeiras impressões de São Paulo, podendo nos levar a identificar a utilização dos sentidos no sentido de “construir imagens do outro”.¹²

Assim, vale salientar que, “é a tomada de consciência do diferente que marca o empenho por uma reconstrução da identidade em afirmar desde cada particularidade uma dimensão de distinção”.¹³ Segundo o Sr. Cláudio Laurentino:

Eu me senti aquele matuto, aquele arraizado (sic). E eu digo, não, mas mesmo assim, você tem que conhecer as coisas pra depois você ir comentar, você ver as diferenças, onde é o melhor. As vezes você estar num lugar pequeno, que nem hoje eu estou aqui e talvez esteja muito melhor do que se estivesse em São Paulo. Entendeu? (Sr. Cláudio Laurentino)

Entendemos que no trecho da narrativa supracitado, o Sr. Cláudio Laurentino contrasta em suas lembranças algumas diferenças que sentiu, entre viver em São Paulo e na sua terra natal. Dessa forma ele pode nos revelar um sentimento tanto de estranhamento com a grande cidade, quanto um sentimento de identificação e pertencimento com sua terra natal. “Por quê? porque é tranqüilidade eu estou na família, eu estou em casa, aquela terra que a gente pisa é nossa, eu num estou pisando em terreno alei (sic) Que a cidade grande é diferente.”¹⁴

Corroborando, aparentemente, com esse tipo de sentimento sobre a cidade grande o Sr. Nazareno Firmino diz: “é, é... outro mundo, né? Totalmente diferente”.¹⁵ Então, que sensibilidades podem aflorar através dessas memórias? O que esses migrantes quixadaenses nos contam sobre as impressões, sobre a vida em São Paulo?

“As vezes é até mais pior do que aqui. Primeiros ano eu fiquei muito preso, quando eu cheguei”,¹⁶ todavia, ainda segundo nosso colaborador, com o tempo ele se acostumou, apesar de sentir medo “porque você tem medo numa cidade você tem medo”.¹⁷

Nas entrelinhas das entrevistas o medo aparece e desaparece conforme os “tempos da narrativa”,¹⁸ ou seja, ele mostra sua face quando a recordação é sobre o tempo em que os colaboradores viviam na cidade paulista, que parece ter despertado uma sensação de estarem fora de casa e preso, pisando “em terreno alei”, diante do desconhecido, do diferente, em um mundo agitado.

“Rapaz, era o seguinte, é o medo a gente tem porque num tinha dinheiro... eu não conheço ninguém, mil pessoas passa bateno (sic) em você, mas, não fala com você, nem conhece”.¹⁹ Do que mesmo esses sujeitos tem medo? Pelo que vemos, da multidão, essa infinita, estranha, de muitas vozes, de muita gente passageira, anônima, de solidão.

“É aquela rotina, é a solidão. Primeiro é a solidão que você sente falta da família e longe de casa. As vezes você diz, rapaz o que é que eu tou fazendo aqui?”²⁰

Mas, o que de fato suscitou medo nesses migrantes? “Temos medo do grito e do silêncio; do vazio e do infinito; do efêmero e do definitivo; do para sempre e do nunca mais”.²¹ “Bem Vilarin, a sensação na realidade ao chegar, no momento em que eu cheguei, era a sensação que eu estava totalmente perdido, nunca mais que eu voltaria”.²²

É porque você chega lá é aquela multidão, aquela correria, aquela loucura dentro do terminal rodoviário. Quando eu vi aquilo, a rente (sic) brabo, né? Pra linguagem mais certa, então, quando eu via aquela multidão de gente ali eu disse: ‘vala meu Deus, nunca mais que eu vou voltar pra minha terra!’ É a imaginação que dá na rente (sic).²³

Sensações compatíveis com o momento em que esses migrantes viviam, pois se deparavam numa grande cidade antes nunca sentida em sua dinamicidade, jamais vivenciada. Monumental; sua população “se contava na casa das dezenas de milhões”,²⁴ diferentemente de Quixadá, cidade pequena do sertão central cearense que não chegava a contabilizar nos anos de 1980-2000, cem mil habitantes, segundo relatórios do IBGE.

Múltiplos sentimentos se propagam quando pensamos o cotidiano dos migrantes quixadaenses em São Paulo, múltiplas e contraditórias são as facetas da cidade nas memórias dos migrantes quixadaenses, “é, cidade grande ninguém é de ninguém”;²⁵ “não retornei mais lá, mas, não vendo que lá não presta, São Paulo é a cidade melhor que eu conheci em toda a minha vida, São Paulo é uma cidade boa”.²⁶

Nesse diálogo, nessa trama que tecemos há lugar para D. Alderiza Silva comentar: “não se arrependi de jeito nenhum e nem volto, volto pra passear”.²⁷ Cidade que atrai e alimenta sonhos: “conseguir um emprego, conseguir um futuro”;²⁸ “é, eu pensava que era uma cidade grande mesmo, bonita, e realmente é”;²⁹ e ao mesmo tempo causa repulsa e desilusão: “foi difícil! bem, eu acho que São Paulo é uma ilusão”.³⁰

Se “tudo começa com o gesto de selecionar, de reunir”³¹ e transformar em “documentos” objetos que se encontravam dispersos, estamos a paginar nosso inventário, que se configura de 12 entrevistados, 34 fotografias e contem 60 cartas.

Essas correspondências podem nos permitir explorar “aspectos da vida cotidiana inatingíveis em pesquisas macro-históricas, devido em parte à intimidade entre os correspondentes”.³² Vejamos: “Querida amiga. Como vai tudo bom? Querida eu estou com tanta saudade de você, tanta vontade de te ver que você nem pode imaginar: eu não tenho amiga, vivo so (sic) trabalhando e estudando”.³³

Ora, parece que vozes ecoam do fim do século XX da cidade de São Paulo para o presente, através desse fragmento de carta, e trazem a tona sensibilidades de um momento em que o “indivíduo triunfa sobre a sociedade”,³⁴ e essa, por sua vez, deixa marcas de anonimato e solidão nos indivíduos.

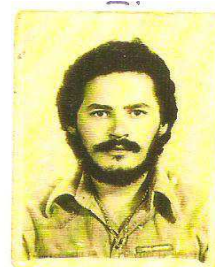
Eu estou completamente sosinha, (sic) neste momento eu so (sic) sinto vontade de chorar e mais nada, estou muito triste nem eu mesma sei porque me sinto assim, não tenho motivos para estar tão triste assim, aicho (sic) que é so mesmo saudade de uma grande amiga que é você.³⁵

A cidade, todavia, com seu frenético dia-a-dia, essa mesma que “você tem que batalhar, trabalhar, correr”,³⁶ segundo sentiu nossa colaboradora, gera também aproximações entre sujeitos: “o nordestino lá tem uma grande diferença daqui, lá eles

trata as pessoas muito bem, muito mesmo, que eu acho até... aqui mesmo que a pessoa não tinha amizade com aquelas pessoas e lá eles são bem amigos”.³⁷

Tentamos no contexto de nosso trabalho contrastar, comparar e justapor falas visando por critérios de verossimilhança representar a realidade através de um “mosaico de colchas” tecida em retalhos, urdidos em meio a fragmentos de falas, fotos e cartas.

Nas fotografias vemos a possibilidade delas “funcionar como objeto biográfico”³⁸ que potencializa a narrativa. Mas, do que falam nossos colaboradores sobre fotos no ato da entrevista? Das 34 fotografias selecionadas e inventariadas, vejamos uma “3X4” e o que ela pode indiciar em nosso trabalho. Essa fotografia (ao lado do texto!) doada pelo nosso colaborador em março de 2005, no distrito de Custódio, Quixadá-Ce, na ocasião em que nos concedeu uma entrevista em sua casa, refere-se ao final da década de 1970 quando na época o jovem Américo Soares tinha 18 anos de idade e procurava tirar os seus documentos a fim de ir a São Paulo.



No trecho da carta que se segue, o seu irmão Antônio Jorge, na época residindo em São Paulo, nos traz nas entrelinhas dessa missiva um pouco dos anseios do jovem Américo que desejava ir morar onde seu irmão estava. “Sim mano você manda pergunta se eu já esqueci de você? Que é qui e isso! Eu quando sai daí não falei que mandava dinheiro mais só depois de julho depois q ajudase ao papai colher a safra (...)”.³⁹ O Sr. Antônio Jorge ainda dá algumas orientações ao seu irmão mais novo antes de mudar de assunto:

Sim Americo se você quiser conheser aqui mande dizer que em agosto eu mando o dinheiro para você sim se você quiser vim ta certo eu tenho o maio prazer mas vou avizando aqui não é bom não como era, você é quem sabe, aqui está muinto perigozo quando o [...] chega aí em cas converse com ele. êle vai lhe esplica como é aqui Americo, o dinheiro que você ganha guarde que nois só vale o que posui”.⁴⁰

A cidade grande nesse momento se revela como perigosa, e desejada pelo jovem Américo Soares em 1977, em breve ele passou a conhecê-la, onde morou até 1992. Em 2005 nos falou: “realmente é perigoso porque existe um fluxo de pessoas, de gente é grande e como você sabe onde tem muita gente tem o perigo”,⁴¹ um lugar de multidões!

Inclusive, a fotografia 3X4 que ajudou o Sr. Américo Soares a recordar um tempo em que ele pensava ir para São Paulo nos faz imaginar sua estada noutra cidade: “eu me lembro muito bem do dia em que eu cheguei. Jovem que desce do norte pra cidade grande”.⁴² Isso em nossa trama parece “ter sido” bem verdade, ou seja, bem lembrado: “eu lembro sim. Eu já tinha lá o meu irmão, morava lá há um ano, tinha primo, tinha os parentes mesmos da gente (...) logicamente se eu não tivesse um apoio eu acho que eu poderia dizer que era bem difícil a vida lá”.⁴³ O que mesmo essas vozes podem nos contar?

Ora, elas nos chegam como “relampejos” do passado e parecem nos permitir enxergar traços de projetos de vida, envolvidos de presente e por valores, marcados por diferenças e identificações, por conflitos e sensações, isso se referindo em grande medida, a um lugar rico em historicidade, “de transformações e apropriações”,⁴⁴ a cidade. Essa que, por sua vez tão amada, desperta saudade; “eu tenho saudade de lá”,⁴⁵ tão rica, bonita e desejada; “lá tem muita coisa bonita pra vê”,⁴⁶ tem ao mesmo tempo o poder de ter sido, de ser tida como indesejada... “Deus me livre! Não mais, só a liberdade que a gente tem aqui. É, eu não tenho mais vontade de voltar pra lá não”.⁴⁷

¹ Sr. Américo Soares. Depoimento concedido na sua casa, distrito de Custódio, Quixadá-Ce, em março de 2005. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

² BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.39.

³ Cf. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1 artes de fazer. Petrópoles, 1994.

⁴ Sr. Gilberto Nunes. Depoimento concedido na sua casa, Quixadá-Ce, em setembro de 2005. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

⁵ CERTEAU, Michel de. Op.cit. p.100.

⁶ Sr. Cláudio Laurentino (popularmente conhecido como: “Cabeça”). Depoimento concedido na sua casa, distrito de Juatama, Quixadá-Ce, em setembro de 2006. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

⁷ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. EDUSC – Bauru, São Paulo. 2002. p.26.

⁸ Sr. Américo Soares. Depoimento concedido na sua casa, distrito de Custódio, Quixadá-Ce, em março de 2005. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

⁹ Sr. Cláudio Laurentino (popularmente conhecido como: “Cabeça”). Depoimento concedido na sua casa, distrito de Juatama, Quixadá-Ce, em setembro de 2006. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

¹⁰ PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte, Autêntica, 2003. p.57.

¹¹ D.Eliana Lima. Depoimento concedido na sua casa, no município de Quixadá-Ce, em Março de 2005. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

¹² CORBIN, Alain. O prazer do historiador. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.25, n.49, p.19

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

¹³ PAIS, José Machado. Reflexões de um sociólogo na solidão do quarto de um Meliá confort. In: **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. Cortez, São Paulo. 2003. p.184.

¹⁴ Sr. Cláudio Laurentino (popularmente conhecido como: “Cabeça”). Depoimento concedido na sua casa, distrito de Juatama, Quixadá-Ce, em setembro de 2006. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

¹⁵ Sr. Nazareno Firmino. Depoimento concedido na casa de seu irmão, distrito de Juatama, Quixadá-Ce, em outubro de 2006. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem. Ibidem.

¹⁸ Sobre os tempos da narrativa, cf. PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano** – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2.ed. Ed. Universidade, UFRGS, 2002. p.282.

¹⁹ Sr. Nazareno Firmino. Depoimento concedido na casa de seu irmão, distrito de Juatama, Quixadá-Ce, em outubro de 2006. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

²⁰ Idem.

²¹ CHAUI, Marilena. Sobre o medo. In: **Os sentidos da paixão**. NOVAES, Adauto (Org). São Paulo, Companhia das Letras, 2009. p.34.

²² Sr. Antônio Teixeira (popularmente conhecido como: “Toin”). Depoimento concedido na sua casa, distrito de Custódio-Quixadá-Ce, em Novembro de 2004. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

²³ Idem.

²⁴ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991**. São Paulo;Companhias das Letras, 1995.p.288.

²⁵ Sr. Antônio Jorge. Depoimento concedido na casa de seu irmão, distrito de Custódio, Quixadá-Ce, em Março de 2005. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

²⁶ Idem.

²⁷ D.Alderiza Silva. Depoimento concedido na sua casa, distrito de Custódio, Quixadá-Ce, em junho de 2005. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

²⁸ Sr. Antônio Teixeira (popularmente conhecido como: “Toin”). Depoimento concedido na sua casa, distrito de Custódio, Quixadá-Ce, em Novembro de 2004. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

²⁹ D. Valquíria de Holanda. Depoimento concedido na sua casa, Quixadá-Ce, em maio de 2005.. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

³⁰ Idem.

³¹ CERTEAU, Michel de. Operação histórica. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Fco Alves, 1998, p.30.

³² BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. **Capistrano de Abreu e a correspondência feminina**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006. p.22.

³³ Trecho de uma carta doada por D. Albaniza Barbosa, carta essa que foi enviada a sua pessoa de São Paulo para o distrito de Custódio, Quixadá-Ce em 22 de julho 1978.

³⁴ Sobre o triunfo do indivíduo sobre a sociedade no fim do século XX, cf. HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991**. São Paulo;Companhias das Letras, 1995.p.328.

³⁵ Trecho de uma carta doada por D. Albaniza Barbosa, carta essa que foi enviada a sua pessoa de São Paulo para o distrito de Custódio, Quixadá-Ce em 22 de julho 1978.

³⁶ D.Alderiza Silva. Depoimento concedido na sua casa, distrito de Custódio, Quixadá-Ce, em junho de 2005. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

³⁷ D.Eliana Lima. Depoimento concedido na sua casa, no município de Quixadá-Ce, em Março de 2005. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

³⁸ DIETRICH, Ana Maria. *História Oral e Fotografia: desafios metodológicos*. Revista de História Contemporânea, n.1, nov-abr 2008. p.2. Disponível em: www.revistacontemporaneos.com.br

³⁹ Trecho de uma carta doada por D. Oscarina Jorge, carta essa que foi enviada de São Paulo para o distrito de Custódio, Quixadá-Ce em 16 de junho 1977.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Sr. Américo Soares. Depoimento concedido na sua casa, distrito de Custódio, Quixadá-Ce, em março de 2005. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

⁴² Referência a música *Fotografia 3X4*, de Belchior.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

⁴³ Sr. Américo Soares. Depoimento concedido na sua casa, distrito de Custódio, Quixadá-Ce, em março de 2005. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

⁴⁴ CERTEAU, Michel de. Op.cit. p.174.

⁴⁵ Sr. Nazareno Firmino. Depoimento concedido na casa de seu irmão, distrito de Juatama, Quixadá-Ce, em outubro de 2006. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

⁴⁶ D. Valquíria de Holanda. Depoimento concedido na sua casa, Quixadá-Ce, em maio de 2005. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

⁴⁷ Idem.

Bibliografia

BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. **Capistrano de Abreu e a correspondência feminina**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Petrópolis, 1994.

CERTEAU, Michel de. Operação histórica. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Fco Alves, 1998.

CHAUÍ, Marilena. Sobre o medo. In: **Os sentidos da paixão**. NOVAES, Adauto (Org). São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

CORBIN, Alain. O prazer do historiador. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.25.

DIETRICH, Ana Maria. *História Oral e Fotografia: desafios metodológicos*. Revista de História Contemporânea, n.1, nov-abr 2008.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991**. São Paulo;Companhias das Letras, 1995.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. EDUSC – Bauru, São Paulo. 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris**, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2.ed. Ed. Universidade, UFRGS, 2002.

PAIS, José Machado. Reflexões de um sociólogo na solidão do quarto de um Meliá confort. In: **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. Cortez, São Paulo. 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.